



LÉON CHEVREUIL
1852 - 1939

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Na quinta-feira, 14 de dezembro de 1939, na exata hora em que os restos mortais de Léon Chevreuil foram enterrados, recebi a carta de luto anunciando que o grande escritor espírita tinha regressado à vida pós-morte desde 11 de dezembro de 1939.

É mais um apóstolo perfeito que nos deixa, um amigo sincero que eu conheci e admirava por mais de trinta anos.

Acima de tudo, ele é um escritor brilhante que desaparece, um homem que, toda a sua vida, defendeu com paciência, tenacidade e coragem; filosofia kardecista, espírita cristão por excelência.

Assim como Léon Denis e Gabriel Delanne, é uma grande perda para o espiritismo. Mas pensando que Léon Chevreuil morreu aos 87 anos, só temos o dever de saudar, com emoção, o patriarca que foi encontrar os grandes Mestres de quem fora um fiel amigo ao mesmo tempo em que o discípulo cuja atividade, sem fraqueza, continuou o admirável trabalho de seus antecessores.

Por 32 anos, conheci Léon Chevreuil e sempre o vi ativo e discreto em seu papel de propagandista, escrevendo artigos e livros que permanecerão monumentos de ciência, de bom senso e fé, de uma fé que jamais vacilou, uma fé que jamais foi mas negada, pois que era, acima de tudo, plena de amor, de caridade e de modéstia.

Léon Chevreuil não era um orador, mas, por outro lado, ele possuía, no mais alto grau, os magníficos dons de um grande escritor, um pensador ao mesmo tempo instruído e prudente, certo da verdade que ele ensinou, às vezes com um toque de ironia sem malícia, mas cheio de espírito.

Ex-presidente da União Espírita Francesa, Léon Chevreuil havia se aposentado após a tão recente "transformação" desta Sociedade e esta se fez muito honrada ao nomeá-lo como seu Presidente honorário.

Talvez, animada por um zelo um tanto precipitado, ela tinha esquecido esse gesto que a tornaria maior aos olhos de todos. Descobri, de minha parte, que havia um pouco de pressa em substituir um presidente muito velho, a quem ninguém podia culpar nada, e que somente sua avançada idade e saúde instável o distanciaram das reuniões do Comitê.

Poderiam nos dizer que Léon Chevreuil, após a saída da União Espírita Francesa da rue Copernic, havia renunciado.

Ainda assim, a União Espírita devia ao escritor, ao apóstolo, ao homem de bem, essa última homenagem e muitas pessoas honestas acharem penosa essa falta de respeito e ingratidão, que denota tal esquecimento.

Mas agora que a recém-organizada União Espírita está totalmente tranquila, eu sei que do pós-morte para onde retornou, Léon Chevreuil desculpou tudo isso sorrindo ironicamente e sempre sem malícia. Os grandes desaparecidos dificilmente se importam com honras terrenas e suas almas são muito grandes e bonitas demais para culpar qualquer um que seja..

Paul Bodier

Revista Espírita de Janeiro de 1940

HOMENAGEM A UM SÁBIO

Discurso

Hubert Forestier (*)

Felizes aqueles que, a exemplo de nossos Mestres espirituais, sentem, abandonando esta crosta terrena, a certeza de ter movido outras almas pelo contágio do exemplo, da fala ou da escrita. Bem-aventurados são aqueles que, como eles, têm consciência diante da insipidez do materialismo de nossa época, de terem aberto olhos, por vezes obscurecidos por vapores vagos ao esplendor do ideal tão necessário para nossa salvação.

Nosso caro Léon Chevreuil adormeceu no silêncio e na paz do Divino em 11 do último dezembro, em seu domicílio em Paris. Ele tinha 87 anos. Nosso amigo Paul Bodier imediatamente lhe dedicou algumas linhas de piedosa gratidão. Estamos de todo o coração associados a este tributo que renovamos hoje nestas páginas, e sabemos que a multidão de espíritos da França se uniu ao mesmo fervor, desde as notícias generalizadas deste fim humano, para endereçar pensamentos emocionados e reconhecimentos ao autor da obra imortal: "Nós não morremos!"

Quão bem ele trabalhou durante sua longa vida beneficente, idealizada por sua preocupação em tanto servir a arte através da pintura quanto à causa do Espírito pelo Espiritismo Kardecista! Quão orgulhosos podemos estar de ter tido a honra, durante numerosos anos, de possuir em nossa cabeça esse caráter valente, este delicado estudioso cuja caneta, fina e instruída, tem sido capaz de expor em páginas inesquecíveis a defesa de nossos princípios, refutando com facilidade e firmeza os argumentos dos detratores, ignorantes ou de má-fé, da doutrina dos espíritos.

Um pensador lógico e comum, nenhum problema embaraçou sua inteligência animada e potente; tais qualidades foram reveladas em Léon Chevreuil sem esforço, despertando em nós a admiração e respeito entre os seus adversários.

O pintor talentoso, ele deixa uma obra valiosa e merecidamente considerada, distribuída em museus e em coleções privadas. Seu mérito, do nosso ponto de vista, foi a coragem que

ele mostrou diante do ostracismo dos Jurados de Exposição, ao fazer esse grande talento servir para expressar em suas telas sua certeza na sobrevivência da alma.

Quem não se lembra, entre nossos leitores, a famosa pintura, de propriedade da Maison des Spirites e popularizada por uma reprodução em cartão postal, espalhada por milhares de exemplares ao redor do mundo?

A Revista Espírita reproduziu na íntegra, em sua edição de julho de 1934, este trabalho do Mestre espírita que revela o drama profundo da morte para dois seres, um dos quais a entende enquanto o outro a teme... "Então você não os vê!" (***) — Esta é a pequena frase que o autor deu à sua obra. Esta é a pequena frase murmurada por uma criança moribunda que, com a mão emagrecida, aponta para os invisíveis apoiados sobre sua cama, à sua pobre e sobrecarregada mãe. É também a pequena frase em que penetra um doloroso arrependimento, que aqueles que não veem acreditam dizem àqueles que não acreditam...

Léon Chevreuil nos deixou, fisicamente, tendo bem merecido o Espiritismo. Fiel discípulo do sábio Allan Kardec, admirador e amigo de Léon Denis, Gabriel Delanne, Jean Meyer, Ernesto Bozzano, Paul Bodier, Andry-Bourgeois, paterno em relação ao nosso Editor-chefe, Hubert Forestier, a quem guiou, há quase vinte anos, os primeiros passos no caminho militante, é, em nossa opinião, o penúltimo, senão o derradeiro representante da alta linhagem de homens do século passado que fizeram a grandeza do Espiritismo francês e cuja ação e pensamento, transbordando fronteiras, chegaram aos países mais remotos da Terra.

É necessário aqui analisar o trabalho filosófico e científico de Léon Chevreuil? Nós não pensamos assim, além disso, precisaríamos de páginas e páginas, de que — infelizmente! — no momento não dispomos para realizar tal trabalho. Mas faremos questão de empreende-lo uma vez que tiver passado o vento da insanidade que sopra pelo mundo a esta hora. Enquanto isso, se não podemos recordar hoje muitos artigos dignos de sobreviver ao esquecimento, podemos citar de passagem pelo menos dois dos livros do eminente autor:

Espiritismo na Igreja (1937) (1) – em que mostra como os milagres dos santos estavam em uma relação direta com a mediunidade — O Espiritismo Incompreendido (1931) (2) — que destaca essa palavra forte de Pasteur, que é todo um programa: "Não há religião, nem filosofia, nem ateísmo, nem materialismo que se sustentam. É uma questão de fatos" — voltaremos à obra-prima de Léon Chevreuil: Nós não morremos! (1920) (3), lembrando o quão benéfico este livro foi desde sua publicação em meio à tormenta da guerra de 1914-1918. Continha tais certezas nele! Quanto alívio ele ofereceu à angústia de mães, esposas, irmãs e órfãos!

(1), (2), (3) Esses livros podem ser obtidos pela Revista Espírita (B.P.S.M.) em Soual (Tarn).

A Academia de Ciências, pela primeira vez consciente das necessidades do coração e da razão para aqueles feridos pela guerra, dignou de coroar este trabalho de um homem de boa-fé, distinguindo assim os méritos de Léon Chevreuil e sublinhando oficialmente o valor de sua tese acerca da sobrevivência da alma humana. Desde então, as edições desse precioso livro se seguiram; a mais recente remonta a apenas novembro de 1935, superando vinte mil exemplares. Contém um novo prefácio no qual Léon Chevreuil declara, para sua alegria, que desde a publicação de Nós não morremos! As questões tratadas por ele deram um gigantesco passo...

E ele acrescenta:

"Esta é uma verdadeira revolução que se opera na mentalidade dos corpos instruídos. Vivemos neste erro do século XIX que nenhuma forma de realidade poderia existir fora de uma substância; sabemos agora que a substância não é nada e que devemos procurar em outro lugar as fontes da vida e a explicação do movimento. Daí, duas maneiras de julgar. O século passado estava grosseiramente equivocado porque se considerava científico, tomando por base do seu raciocínio a matéria que não existe mais e invocando as leis ao invés de constatar os fatos."

O ilustre Charles Richet teve que reconhecer essa evolução e confessar, por sua vez, simplesmente, a verdade em seu prefácio para A Porta do Mistério, publicado em Lisboa em 1926:

"Vivemos em uma época em que o oculto se tornou científico, em que o sobrenatural se tornou natural, em que a vida após a morte aparece nos laboratórios. E afinal, por que não?"

E o autor do famoso Tratado da Metapsíquica acrescenta com uma leal franqueza:

"Podemos ter a pretensão de limitar a ciência, quer dizer, o conhecimento do mundo, às ínfimas e desinformadas noções de que, laboriosamente, conquistamos e registramos em nossos livros?"

Léon Chevreuil e Charles Richet encontram-se, portanto, de acordo e sua opinião é útil para lembrar; mas quão eloquente é o "prefácio" de Léon Chevreuil, todas as páginas devem ser lembradas, elas têm em si mesmo tanto valor, tanto poder de persuasão! É melhor, parece-nos, que cada espírita adquira uma cópia desta nova edição de Nós não morremos! ou o ofereça, se já o tiver, para aquele cuja alma tenha sido machucada pela crueldade da guerra. Será fazer um trabalho piedoso e humano, será realizar um ato de bondade e generosidade fraternal em relação aos outros.

Em muitas ocasiões, em resposta à pergunta que lhe fora colocada, Léon Chevreuil quis bem esclarecer: "Como ele se tornou espírita". Vamos ler esta entrevista concedida à Psíquica em agosto de 1926.

"Perguntam-me como eu me tornei espírita. Perguntemo-nos primeiro: — O que é um espírita? — A definição é simples. — É uma pessoa que crê que o mundo invisível não é um mundo inacessível e que se pode obter, sobre a destinação futura do homem, noções exatas de que filósofos e as religiões não foram capazes de nos mostrar.

"Como me tornei esse homem? — Eu poderia responder: é através do estudo. Mas para ser sincero, devo confessar que fui derrubado, na minha época, no caminho de Damasco.

"Há um momento em que a criança, tornado homem, medita sobre o significado da vida e então reconhece o absurdo das coisas ensinadas. Quando esta hora voltou-se para mim, eu não conseguia encontrar a verdade em nenhuma doutrina, eu me tornei um perfeito incrédulo, eu era um verdadeiro filisteu, o inimigo de Israel. Raramente ouvia falar de espiritismo; então encolhi meus ombros a uma altura que pensei ser suficiente para atrair a estima dos meus contemporâneos, e se eu fosse discutir com Allan Kardec, meu sorriso tornar-se-ia bastante zombeteiro.

"Eu acreditava, como alguns metapsiquistas contemporâneos, que o amor do maravilhoso, o desejo de impressionar, ou a necessidade de superstição, inerente aos seres inferiores, era uma explicação suficiente; em suma, eu tinha voltado para a mais completa indiferença.

“No entanto, as pessoas que eu achava muito inteligentes e profundamente ligadas à sua religião garantiram-me ter obtido movimentos de mesa no passado, porque, por hoje, era proibido.

“Essa afirmação me surpreendeu, mas a conclusão é: — É possível, afinal, que um movimento se produza; quanto à crença de que se pode entrar em conversação, essa não merece consideração. Esse estado de espírito persistiu por trinta anos.

“Quatro ou cinco vezes, todavia, eu tinha tentado ensaios vagos, quando as conversas nos levaram a este assunto, mas sempre aconteceu que o menor estalo era recebido pelas piadas habituais que acabaram com esses ensaios. Eu queria continuar, contudo, percebi que entre as risadas havia alguns que riam de amarelo e que suas piadas não eram mais que um pretexto para fugir da experimentação. Eu conservei uma vaga curiosidade sobre aquilo.

“Um dia, finalmente, mostraram-me uma casa onde aquilo funcionava; não era Maison des Spirites. Eu fui lá, éramos quatro pessoas, em plena luz; a mesa ganhou vida, tanto que uma lâmpada que se achava numa alta coluna perdeu o equilíbrio. Então — que coisa maravilhosa! — sob essa lâmpada, que tinha perdido seu apoio e que deveria cair fatalmente, o tampo da mesa escorregou, fez contato com as quatro pernas da base, eleva-se, restaurou o equilíbrio e descansou em seu assoalho, sem fazer mais barulho do que uma folha levantada pelo vento.

“Bem, devo ter sido acusado de pressa no meu julgamento e confesso que no exato instante senti meu ceticismo desmoronar, pois fatos tão simples e também inimitáveis não precisam ser controlados. Eu entendi imediatamente que todo o materialismo do século XIX tinha acabado de ser varrido por este fato colossal.

“Porém, a noite carrega conselhos; no dia seguinte fui confidenciar meu estado de espírito a um amigo íntimo e combinamos experimentar nós dois: não havia mais dúvida, pois uma inteligência se manifestou. Fomos à casa de um amigo em comum, lá a mesa se elevou do chão a ponto de resistir à pressão de nossas mãos. Aconteceu que, considerando a experiência suficiente, até nos levantamos. Enquanto estávamos longe da mesa, ela se mexeu sozinha diante de nossos olhos. Nos dias seguintes, e em outro local, pensei em fazer perguntas sérias em sessões mais regulares. Isso realmente aconteceu; numa época em que tínhamos voltado a propósitos fúteis, tive a ideia de questionar a mesa sobre uma pessoa que tinha sido o único afeto e consolo da minha infeliz infância. De um único salto a mesa subiu à altura dos meus olhos, então parou e, lenta e solene, ela fez um gesto de saudação no meu colo; estava ficando sério.

“Entendamos que depois dessas iniciações, pensei que o fenômeno voltaria a acontecer com frequência. Bem, não foi nada disso e desde então a mesa nunca mais se mexeu, ou mexeu tão pouco que não vale a pena falar. E isso aconteceu comigo no momento da maior angústia moral, como se quisessem me dizer:

“Você quer sondar o mistério, veja só uma vez e que seja o suficiente!

“Alguns dias depois, caminhei pelas galerias sem pensar em nada, no parapeito, os livros alinhados não teriam chamado minha atenção, mas havia um que, apoiado em uma caixa, estava completamente fora de linha. O título dele me impressionou: — Sobrevivência. — Examinei: era muito novo para mim, levei o livro comigo, e como o endereço do autor — a Sra. Rufina Noeggerath — estava no final do volume, fui à Rua Milton e esta foi minha primeira iniciação. Eu vi lá Hugo d'Alesi, Dr. Chazarin; ouvi falar de fenômenos pela

primeira vez. Li Allan Kardec; finalmente descobri uma doutrina razoável, que ofereceu uma possível solução para o mistério das coisas e uma explicação racional da vida.

"Naquele momento, mudei a posição das minhas baterias e voltei ao estudo do materialismo. Reconheci que o espiritismo se adaptava maravilhosamente às coisas ensinadas, que a doutrina das reencarnações estava em harmonia com a filosofia evolucionista, que respondia às dificuldades que a filosofia de Haeckel não tinha sido capaz de resolver.

Constatei também que Büchner estava apenas zombando das ingenuidades dogmáticas, que ele próprio reconhecia que se poderia muito bem conceber o sistema espiritualista do universo; em suma, o espiritualismo tinha como atender a todas as demandas da ciência e eu encontrei todos esses fenômenos nos testemunhos da religião mais ortodoxa, Ectoplasmas, entradas, mediunidades visuais e auditivas, nada estava faltando. Mas a maior surpresa que o estudo me reservou foi aprender quantos sábios ilustres, de todos os países, haviam constatado os fatos com todo o rigor dos métodos experimentais.

"Eis o que eu queria pôr ao alcance de todos no meu livro Nós não morremos!. Hoje não tenho mais dúvidas concernentes à sobrevivência e, tendo concebido Deus como uma nova ideia, senti uma alegria interior que nunca me deixou."

Um pouco mais tarde, em 1932, e para ser agradável ao nosso amigo, Sr. José Lhomme, Diretor da Revista Espírita Belga, Léon Chevreuil relembrou algumas de suas próprias experiências; aqui está a relação extraída desta excelente revista:

«"Eu vi entradas em plena luz e obtive provas da clarividência, porém foi sobretudo com Eusapia Paladino que eu testemunhei os fenômenos mais surpreendentes; o que eu diria não acrescentaria nada aos relatórios de César Lombroso, Charles Richet, Julian Ockorowicz, De Rochas, Curie, Arsène d'Arsonval...etc. Anotarei, no entanto, que a agitação acima de nossas cabeças de vários objetos, bandolins, sinos, etc., se reproduziram enquanto o médium, completamente deitado de joelhos, estava cercado pelos meus dois braços.

"Porém o fato capital, na minha opinião — porque é a prova concreta e irrefutável da objetividade e rigidez do corpo invisível — é a obtenção dos moldes. O Dr. Gustave Geley obteve-os em parafina; Eu os coloquei na massa. Em um bloco de dez quilos de massa, Eusapia me deu a impressão em escultura de seu punho fechado. No entanto, um molde escavado em massa é uma coisa perfeitamente impossível de imitar, mesmo para os mais hábeis profissionais modeladores.

"A existência do corpo espiritual, materializável e desmaterializado sendo assim demonstrada, parece-me ser a experiência mais provável de atingir o incrédulo quando ele é de boa-fé; os fenômenos materiais que fundamentam o espiritismo e serão o ponto de partida para uma nova orientação do pensamento livre de abstrações e toda consideração mística. É sobre eles que devemos nos apoiar para resistir a qualquer ataque e forçar as portas dos institutos científicos. O mais importante deles será, na minha opinião, aquele que demonstra a realidade objetiva do corpo invisível. Devemos colocar as autoridades científicas, bem como nossos líderes engordados deste substrato da vida que é o Perispírito e que os adversários são persistem em reivindicar como sobrenatural.

"Quando a humanidade estiver convencida de que o elemento psíquico — até então ignorado pela ciência oficial — é uma coisa substancial e uma realidade tão natural quanto às ondas sonoras reveladas pelo telégrafo sem fio, e que o problema de uma vida etérica entrou

no reino das coisas observáveis, teremos criado uma nova mentalidade e todas as esperanças serão permitidas.”

Assim, Léon Chevreuil chegou ao Espiritismo apenas na companhia de senhora Razão, recusando-se a admitir facilmente a existência de fatos e manifestações que excediam seu conhecimento, decorrentes do ensino de chefes da escola materialista ou dogmática. Mas seu culto ao exato, à pesquisa pura deveria levá-lo — a despeito de sua vontade — a essas descobertas de um mundo ignorado em que se revelaram à sua observação confusa as possibilidades da alma humana neste mundo e no outro. O cético de ontem teve que tomar as palavras do ilustre advogado criminal César Lombroso e se curvar diante da força constrangedora dos fatos.

Depois de ter servido modesta e sinceramente à Arte e ao Espírito, nosso venerável Léon Chevreuil submeteu-se às leis comuns e apagou deste mundo o coração machucado pela inconsciência e a incompreensão de alguns; libertou-se das algemas terrenas asseguradas pelas realidades do Além-túmulo, afirmadas e demonstradas em seu abundante trabalho com uma força e uma generosidade de apóstolo.

Hubert Forestier
Revista Espírita de Fevereiro de 1940

() Hubert Forestier foi diretor da Revista Espírita e da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos fundada por Allan Kardec. Fiel ao Espiritismo. Em 1931 substituiu Jean Meyer na direção da Revista Espírita adotando como lema "servir".*

*(**) Peint par Léon Chevreuil "Tu ne les vois donc pas!", Paris, 1934.*